

O DISCURSO DE MARIE CLAIRE BLAIS E A PROVA CONTEMPRÂNEA BRASILEIRA

Maria Terezinha Arêas Lyra (RS)

Presidência: JOSÉ TAVARES (PB)

O estudo de uma escritora do Quebec, contemporânea, com independência literária pode ser aproximado dos nossos autores a partir de 1922. Por isso partimos para uma abordagem dos textos do romance de Marie-Claire Blais — *Une Saison dans la vie d'Emmanuel* e de *Infância* de Graciliano Ramos.

A obra de Marie Claire Blais se apresenta com uma problemática universal (a da solidão e da dificuldade de comunicar) e regional já que através de um universo quase mítico ela expõe sua visão de renovação cultural sofrida pelo Quebec francês em relação ao elemento anglo-saxão.

A partir dos anos 30 houve dois momentos políticos diferentes na vida da província do Quebec: o período do regime Duplessis e o da Revolução Tranqüila. Maurice Duplessis foi 19º Ministro da Província do Quebec de 1936 a 39 e de 44 até sua morte em 1959. Este período foi para os franco-canadenses uma época rica e contraditória. Uma anglofobia tradicional se reanima, oferecem-se novas possibilidades de ordem econômica, social e pessoal. Investimentos consideráveis de capitais americanos e europeus tiveram efeito ambivalente: as indústrias novas crescem e aceleram a propriedade da região, mas ao mesmo tempo elas criam uma estrutura que se configura aos franco-canadenses como de caráter colonial. Isso pode ser observado no plano da vida quotidiana, do desenvolvimento econômico e da educação, como atestam numerosas publicações posteriores. Nas regiões de fala e cultura francesa, o nível de vida é sensivelmente menos elevado do que nas de língua inglesa. Mesmo no Quebec a minoria anglófona é nitidamente privilegiada no poder econômico e social. Essa situação correspondia às tendências políticas do momento. No campo da educação

1 Brulé, M. — Introduction à l'Univers de Marie-Claire Blais In: Sociologie de la Littérature.

havia autonomia no plano provincial assegurada pela Constituição, e no plano religioso, o que acarretou divisões na opinião pública, uma vez que o sistema católico francófono formava menos pessoas aptas a ocupar postos superiores na indústria e no comércio do que o sistema protestante anglófono. Tratava-se de orientação cultural diferente, uma vez que a escala de valores dos franco-canadenses era de outra natureza. O paternalismo Duplessis agravou o problema porque recusou do governo federal ajuda financeira para o ensino, argumentando que isso seria atingir as prerrogativas da província. Os intelectuais deploravam a corrupção e a repressão que grassava na vida política do Quebec. Como herdeiros e defensores de uma tradição do sistema de valores franceses contra os valores ingleses, eles preferiam algumas vezes pedir proteção à justiça federal, inspirada pelo sistema britânico.

Muitas obras literárias dessa época mostram a existência de um conflito por vezes chamado de crise espiritual.

Estudos atuais sobre a ideologia, expostos por Michel Brûlé¹ estabelecem três grandes períodos na história recente do Quebec.

— a ideologia de **sobrevivência nacional** que se estende o século XIX até 1930 (antes do regime Duplessis);

— a ideologia de **conservação** com seu leque de valores tradicionais (regime Duplessis) que eram: a defesa da fé, a manutenção da língua (veículo da fé) e a apologia da sociedade rural (a terra e as famílias numerosas). Era a posição defendida pelo clero e pela burguesia. Esta ideologia se opunha a mudanças no Quebec e à industrialização inevitável. Era nacionalista e combatia o elemento anglo-saxão, protestante e “naturalmente” dotado para os negócios. Um grupo minoritário próspero e intelectualmente ativo de franco-canadenses tinha a impressão de ser privado da influência que poderia exercer na condução dos problemas do país.

— em 1949 aparece a ideologia de **contestação** elaborada pela classe média, uma fração da classe operária e uma certa “inteligentisia” (escritores, jornalistas, professores). Ela se opõe à ideologia de conservação e será anticlerical, antinacionalista e liberal. Nasce uma grande vontade de recuperação em todos os domínios — tanto econômicos quanto culturais.

O intelectual franco-canadense dos anos 50 se encontrava dividido entre os símbolos de uma tradição autoritarista, que não correspondia mais aos valores adquiridos, e o individualismo liberal de uma sociedade cujos princípios não satisfazia completamente e suscitaria críticas. No Canadá do século XX como na França do século XVIII, nos defrontamos com um grupo extremamente consciente de sua individualidade e cuja ideologia se opõe à da sociedade da qual provém sua prosperidade. O que os jovens “separatistas” da geração seguinte pedem não é mais dinheiro, porém mais chances de elaborar seus próprios valores na sua sociedade. A ideologia de

contestação resulta na Revolução Tranquila de 1960-1966, época de grandes remanejamentos, às vezes de consideráveis transformações, nas quais aparecem a necessidade de renovar completamente as instituições da nação (o Estado, a educação, os diversos serviços sociais, etc) e a vontade de realizar um projeto latente, o da independência do Quebec da Federação.

Algumas reivindicações foram obtidas, tais como a nacionalização da rede elétrica do Quebec, ensejando melhor utilização dos recursos naturais e reformas no ensino — o que era de suma importância como símbolo do novo espírito — e porque essas reformas permitiam aos franco-canadenses um desempenho efetivo nas atividades até então entregue aos anglo-canadenses. As opiniões e os sentimentos novos se manifestaram de maneira bem marcante, mas com o passar dos anos a situação não se firma. Em 1966 a velha União Nacional volta ao poder relegando a Revolução Tranquila a segundo plano; em 1970 dá-se a primeira derrota do novo partido do Quebec que reagrupa todas as formas independentes, e em 1973 uma segunda derrota. Em 1976 no entanto os “québécois” têm a alegria de ver a vitória do seu Partido e novas esperanças renascem. A segunda fase histórica, da ideologia de conservação, valorizava o campo em detrimento da cidade, concentrando todo o mal na desertão do campo para a escolha do lugar de perdição que era a cidade. Os escritores em suas obras falavam do degelo, diferente, na cidade, do mesmo fenômeno no campo. Não é o degelo poético dos riachos, da terra que renasce ou dos pássaros que cantam. O fim do inverno nas cidades é feito de neve derretida, suja, misturada à lama. Em literatura é esta espécie de degelo que se manifesta, porque o inverno duplessista foi longo e rigoroso e não acabou de degelar. A primavera ainda não chegou. Os primeiros autores desta fase tornam-se um tanto inconoclastas quando tentam desmistificar os valores estratificados de antes.

Esse rápido inventário histórico serve para nos situar na obra de Marie-Claire Blais, vista por muitos críticos sob aspecto sociológico (meio sócio-econômico, oscilação cidade/campo etc.), e por outros, na sua dimensão psicológica.

Nascida no Quebec em 1939, há 20 anos ela publica regularmente romances, poemas, contos, novelas, teatro etc.

Adquire renome internacional com o romance *Une Sai son dans la vie d'Emmanuel*² de 1965 o qual no ano seguinte recebe o Prêmio Médicis e o Prêmio France-Quebec, e que mereceu traduções em 13 línguas.

O romance se passa numa comunidade rural mas num decor impossível de se localizar com precisão. Os personagens estabelecem pouca dife-

2 Blais, Marie-Claire. *Une Saison dans la vie d'Emmanuel*, Collection Québec 10/10. Montreal, Stanké 1980.

rença entre o campo e a cidade. O campo é a origem, a infância, o mundo fechado. A cidade é antes de tudo o lugar dos estudos fracos e inconseqüentes que não levam a nada. Lucien Goldmann³ num ensaio sobre o assunto observa que não se encontrava mais nesse romance a oposição bom campo/má cidade. Aqui, no contexto da ficção romanesca a cidade não é melhor nem pior que o campo.

A escritora registra as transformações da sociedade canadense, sua transferência do campo à cidade, e a julga de maneira menos negativa. A vida é impossível no campo, também na cidade. A vida é que é impossível, como declara um dos personagens do romance "Les puces nous mangent, dit Jean-le Maigre, la vie est impossible" (p. 49).

Neste romance Marie-Claire nos conta o dia a dia de uma numerosa família rural, na estação fria que precede e prepara a primavera tão esperada. A família, que cresce sem controle é mantida pela autoridade de uma avó forte, poderosa, "imortal" (Porque ela representa um pedaço da sociedade de Quebec, difícil de morrer. "Elle mourra d'immortalité" como profetiza o neto Jean le Maigre). Ela própria pensa que nunca será atingida pela morte — "... elle ne croyait que cela lui arriverait à elle aussi de mourir un jour, elle était d'une bienheureuse tranquillité en ce qui concernait sa propre mort" (p.107). Em torno dessa figura gravitam a filha que ela despreza porque é fraca, submissa e servil, um genro ignorante, hostil à cultura e ao progresso, mas passivo diante da intervenção de Grand-Mère Antoinette na educação das crianças, as quais ele se contenta apenas em punir. da jovem geração se destacam Jean-le-Maigre, o poeta tuberculoso que morrerá no noviciado esmagado pela miséria; Heloise, que marca na obra uma estranha trajetória convento/bordel, prostituta/virgem, verdadeira dança de carnavalização, Le Sptième e Pomme, que irão para a cidade, onde os espera não uma vida melhor, mas toda espécie de dificuldades. Tudo isso se passa no tempo de uma estação — o inverno — durante o qual nasce e desperta para a vida o 16º filho Emmanuel. A obra se abre sob o ponto de vista pseudo-ingênuo do recém-nascido que experimenta o calor e a proteção do colo da avó, ignorante ainda da miséria e da fome que o esperam. As outras crianças brincam no chão sob a dominação dos pés de Grand-Mère Antoinette, pés cansados de trabalho mas nobres, piedosos, vivos e protetores, "L'image sombre de 'autorité et de la patience" (p. 7).

O romance se fecha sobre as reflexões firmes e tranquilizadoras desta imutável avó, sobre um futuro no qual ela expõe muitas esperanças Michel

3 Goldmann, L. Note sur deux romans de Marie-Claire Blais in Sociologie de la Littérature.

Brûlé⁴ situa a ficção de Marie Claire Blais no período de contestação e de degelo pelo qual passava ainda passa o Canadá francês. Diz ele que o valor da obra está no sentido histórico manifestado, na sua recusa da utopia, negra ou rosa, e na impossibilidade de se viver só com os valores do passado (o campo, a avó, a infância), mostrando também a dificuldade de viver o presente (a incomunicabilidade, a infelicidade ligada à vida urbana, a solidão). O futuro é problemático mas não ilusório. Paradoxalmente o seu pessimismo serve para construir suas esperanças de um tempo melhor. Embora o tema de *Une Saison* seja desenvolvido num contexto miserável e pobre, logo real, em todos os seus detalhes, a apresentação no entanto não é sórdida, malgrado a fome, a doença e todo o cortejo de baixezas e descaso pela vida. Passa pela história até um certo lirismo vindo da adolescência e seus sonhos (jamais realizáveis) mas profeticamente anunciando tempos melhores que virão.

Infância⁵ de Graciliano Ramos se insere tanto na obra ficcional quanto na autobiográfica. Antonio Cândido, em ensaio sobre o escritor declara ser uma autobiografia tratada literalmente. Outra coisa não são *Les Confessions* de Rousseau e *Les Mémoires d'Outre-Tombe* de Chateaubriand, onde seus narradores carregam nas tintas de uma exposição pessoal profundamente romanceada. Daí a dificuldade de se estabelecer fronteiras entre o passado real do narrador com sua projeção direta na obra, e a fricção pura onde também o autor deixa transparecer o seu eu oculto.

Jean le Maigre é pseudônimo de Marie-Claire Blais? O narrador de **Infância** é Graciliano Ramos criança? Sabemos que entre o acontecido na infância e o fato narrado pelo adulto atuam forças psíquicas poderosas que modificam as lembranças. O processo pode ser consciente no esforço de reinterpretar o passado, ou inconsciente, no mascaramento de lembranças incômodas e reprimidas. Grand-Mère Antoinette é dominadora, firme e representa o matriarcado, consciente das deficiências dos membros dessa numerosa família que ela dirige com coragem e determinação.

Um fosso a separa de sua filha, fraca e dependente. Num determinado momento declara a avó: "Non, je ne ferai pas un geste pour servir cet homme, pensait-elle. Il croit que j'imiterai ma fille (. . .) Non. Non, je ne bongerai pas de mon fauteuil. Il attend qu'une femme vienne le servir. Mais je ne me lèverais pas" (p. 16).

Olhar fulminante de orgulho e esplendor de animal feroz, quando agasalhado pelo capote de gato selvagem, presente deixado por um amigo morto, esta mulher forte, mascara de dureza, quase agressiva uma ternura materna que a envolve diante da morte do neto querido — Jean le Maigre —

4 Op. cit.

5 Ramos, Graciliano. *Infância*. Rio, Record, 1981.

embora diga, para disfarçar o sentimentalismo, que tinha outras preocupações maiores do que chorar um morto. Ela impõe na casa o seu código, que deve ser obedecido sem restrições, como o faz o pai do narrador de *Infância*. Nesta imposição da sua lei, o pai mistifica autoridade com falsa proteção porque o que ele quer é garantir e perpetuar a submissão do filho à autoridade social. Cultura e civilização são adquiridos através da identificação com o Pai/Autoridade/Lei.

Para o menino, lei é igual a poder, que deve punir aqueles que infringem seus códigos: “Meu pai era servilmente poderoso, e essencialmente poderoso” (p. 29). “Batiam-me porque podiam bater-me, e isso era natural (p. 31). Pai e mãe para ele se configuram como vigilantes e guardiães do cumprimento da lei. Os dois são configurados como detentores do poder, “grandes, temerosos, incógnitos”.

Identificamos o pai de Jean le Maigre com o pai do narrador de *Infância*, na sua insensibilidade, desamor manifesto pelos filhos e o seu direito de puni-los, descontando seu mau-humor nas crianças, suas vítimas de direito. É ignorante e ciumento da posição da avó que teima em mandar os meninos à escola. Ele se opõe — “l'école n'est pas nécessaire” (p. 13). Na obra brasileira o pai insiste em instaurar no filho o desejo da iniciação à leitura e à escrita, porque os que a dominam dispõem de “armas terríveis”. Ler e escrever não são configurados como prazer, mas como subsídio para preencher carências.

A figura do pai (Grand-Mère Antoinette, o pai de Jean le Maigre, pai e mãe do menino de *Infância*) é marcada pela proteção e pelo terror que espalha.

Em *Totem e Tabu* Freud diz que sabemos, como adultos, que nos sentíamos desamparados na infância e que precisávamos da proteção paterna contra os perigos conhecidos e desconhecidos. Às forças da natureza o homem concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses dando-lhes não apenas um protótipo infantil como também filogenético. “D’abord nous savons que Dieu est un substitut du père, ou, plus exactement, un père exalté, ou bien encore une copie du père, tel qu’on le voyait et qu’on le ressentait dans l’enfance l’individu dans sa propre enfance, le genre humain dans les temps ancestraux en tant que père de la orde primitive”⁶ (p. 226).

Mais tarde no entanto a criança vivencia seu pai diminuído, mas a primeira idéia de força protetora permanece e se funde com os vestígios tradicionais do pai ancestral e forma no adulto a representação individual de Deus. A figura do pai seria como o núcleo de toda figura divina. As relações com o pai foram desde o início ambivalentes, formadas de duas cor-

6 Freud. *Essais de psychanalyse appliquée*.

rentes emocionais contrárias: submissão e hostilidade. Em **Moisés e o Monoteísmo**, Freud expõe sua teoria das relações filho/pai.

Os homens primitivos viviam em hordas selvagens; cada horda era submissa ao macho mais vigoroso que possuía indistintamente mulheres, crianças e bens materiais. Ao contrário, os filhos não possuíam nada porque a força do pai os impedia de obter as mulheres do grupo, que eles cobiçavam. Se eles provocavam o ciúme do pai eram impiedosamente castigados, castrados ou mortos. Os filhos então se uniram e resolveram matar o pai, tomando o seu lugar. A discordia se instaurou, porque eles disputavam entre si igualmente a herança e as prerrogativas paternas. Somente após muitas lutas fratricidas eles fundaram uma aliança razoável: cada um renunciava à cobiça da mãe ou das irmãs. Mas o tabu do incesto ficou instituído. Foi daí que surgiram os sentimentos ambivalentes em relação ao pai — terna submissão e hostilidade e desafio. Esta ambivalência para Freud, domina também as relações da humanidade com sua divindade. O mesmo esquema da horda e da religião monoteísta é transparente no mito da castração de Urano pelo filho Cronos: “Minha mãe (diz ele à Gaia), farei isso. . . Eu não tenho piedade por um pai indigno deste nome, uma vez que foi o primeiro a conceber atos infames”⁷ (p.30). Mais tarde, Cronos devorador de seus próprios filhos, engole uma pedra pensando ser Zeus que sua mãe Réia protegera, confiando-o ao seio da Terra. Zeus, filho de Cronos, “daqui para frente se tornaria senhor para comandar ao mesmo tempo os mortais e os imortais” (p. 39).

Para Jean le Maigre a avó representa o pai firme e protetor, enquanto que o pai real é punidor, vingativo. A ambivalência se desdobra em duas figuras. Para o menino narrador de Graciliano o pai e a mãe são temidos como um Deus castrador e poderoso, que justifica a violência e a injustiça, porque detém o poder absoluto. A mãe se anula à sombra do marido, mas em relação ao filho duplica a imagem do pai.

O protagonista realiza o desejo de matar o pai nas fantasias elaboradas pela leitura de “O Menino da Mata e seu Cão Piloto”. Estabelece relação entre seu desamparo e os pequenos da narrativa “maltratados que se livravam de embaraços, às vezes venciam gigantes e bruxas” (p. 211). “O menino da mata e o cão Piloto morriam. E nada para substituí-los. Imenso desgosto, solidão imensa. Infeliz o menino da mata, eu infeliz, infelizes todos os meninos perseguidos, sujeitos aos cocorotes, aos bichos que ladram à noite” (p. 214). Além de tudo o livro é condenado como ruim, protestante, para enganar os tolos e sobretudo porque não foi escrito pelos padres salesianos, os únicos a poderem veicular a ideologia cristã.

7 **Teogonia** — Hesíodo. Tradução e comentários de Ana Lucia S. Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra — Niterói — UFF 1979.

Nas duas obras a religião e seus padres se inscrevem como hipócritas, medíocres culturalmente e injustos. Em *Une Saison* o diretor da Casa de Correção agredia os meninos brutalmente, em nome da justiça de Deus e pelo dever de slavar a juventude perdida: “Nous ne sommes ici pour vous punir, mais pour vous réhabiliter” (p. 94). O diretor da nova Casa de Correção (Notre-Dame de la Miséricorde!) encoraja Jean e seu irmão a serem carrascos das outras crianças. No noviciado o irmão Théodule que procura os meninos à noite no dormitório para aproximações sexuais excusas, encarna o Diabo Tentador. Ele é corruptor e criminoso, como enfermeiro que tenta “abreviar” a vida dos seus pequenos doentes, ou como professor que será na cidade, como Théo Crapula, professor de latim, grego, ciências naturais e aritmética. Numa moral cristã às avessas, Jean le Maigre “avait l'intention d'écrire lui même une vie de saint devenu pécheur, pour édifier ses camarades” (p. 62).

Para o padre, um filho que morre é sinal de amor de Deus, uma recompensa: “Dieu vous aime pour vous punir comme ça” (p. 66).

Todas as referências à Igreja e sua conduta são feitas pelo narrador num tom irônico, destinado a esvaziá-la de seus possíveis conteúdos positivos. Essa posição revela a autora no seu espaço contestador/anticlerical e combativo da ideologia de conservação de antes da Revolução Tranquíla.

Em *Infância* Deus é incontestável. Sua vontade determina tudo — “Que se há de fazer? Foi vontade de Deus. Estava escrito” (p. 98). Poder divino e poder econômico coexistem. Deus é bom quando destrói e aniquila apenas pessoas para salvá-las, mas a loja da qual o pai do menino é sócio e a Igreja são poupados, observa Vera Maria A. Oliveira na sua tese de Mestrado.⁸

No episódio da negrinha queimada o menino ouve dos adultos a afirmação de que a Virgem-Maria tinha até sido generosa. “Escolhera a negra porque a julgara digna de salvação. Impusera-lhe algumas dores e em troca lhe oferecia o Paraíso, sem o estágio do Purgatório. . . misturada aos serafins” (p. 95). Passar pelo Purgatório é um determinismo para todo o ser humano, eterno devedor da divindade, pelo que dela recebe.

Na dialética dominadores/dominados se inscrevem, no 1º grupo — Grand-Mère Antoinette (a lei, a autoridade), o pai (dominador na punição mas inseguro), Jean le Maigre (domínio exercido pela inteligência) os Institutos de Correção, os padres, a Igreja, com seus conventos e noviciados, o pai e a mãe do narrador de *Infância*, seus professores (com raras exceções) e todos os adultos que o cercam; no segundo grupo temos a mãe de Jean le Maigre, ele próprio (enquanto devorado pela miséria, pelo sistema e pela cupidez dos frades no noviciado). le Septième e os demais irmãos, o protagonista de *Infância* e os inferiores na escala social.

8 Oliveira A. Vera Maria. *O Bezorro Encourado ou as terríveis armas*.

Miséria, fome e frio devastador geram a esperada revolta, os roubos e a conduta sórdida como meios de defesa e desafio aos maus tratos e desamor. Nesta família franco-canadense há como que uma ceitação da fatalidade morrer-de-fome. A morte traz como recompensa a comida, a vida. “Sa grande-mère, elle, imaginait le bon repas qui suivrait les funérailles — image consolante de la mort. . . Il y avait eu tant de funérailles depuis que Grand-Mère Antoinette régnait sur sa maison, de petites mortes noires, mystérieuses disparitions d’enfants, de bébés qui n’avaient vécu que quelque mois, mystérieuses disparitions d’adolescents en autonomie, au printemps. Grand-Mère Antoinette se laissait bercer par la vague des morts, soudain comblée d’un singulier bonheur” (28).

Podemos dizer que o personagem mais importante do universo de Marie Claire Blais é a própria morte. Tudo converge para o sentimento fatal e profundo de aceitação da morte, já que a vida é pesada, vazia, inviável, impossível enfim.

Le Septième era ladrão, avaro, mendigava nas aldeias e bebia. Fortuné passava do comércio à mendicância. Jean le Maigre e Le Septième tornam-se incendiários quando põem fogo na escola, porque de maneira incosciente a sensação sofrida pelo frio gera a idéia do fogo para aquecer: “La saison avançait et le froid nous ravageait le coeur” (p. 89). Esperavam a mudança de estação com sofreguidão. O verão ameniza as coisas e exorciza o sofrimento num feliz conclusão de verão/sol/alegria.

Constatamos que o sistema literário de *Infância* é também pessimista. Antonio Cândido⁹ sintetiza: “Meninos, rapazes, homens, mulheres, pobres, ricos, miseráveis, inteligentes, cultos, ignorantes — todos obedecem a uma fatalidade cega e má vontade obscura de viver, mais forte nuns que noutros, que os leva a caminhos pré-traçados pelo peso do meio social, físico, doméstico. A vida é um mecanismo de negação em que procuramos atenuar o peso inevitável dessas fatalidades: e parecemos ridículos, maus, inseqüentes” (p. 62). E ainda: “Os castigos imerecidos, as maldades sem motivo, de que são vítimas os fracos, estão à base da organização do mundo” (p. 63).

Jean le Maigre, meio poeta, meio mártir feliz e condenado a morrer logo, enfrenta a ideia da morte próxima com tranqüilidade. Nos poemas e na sua autobiografia ele fala do seu mistério em direção à morte. Declara em versos:

*“E eu envelheço de mil anos
Pensando em minha solidão”.*

9 Cândido, Antonio. *Ficção e confissão*, Rio, José Olympio, 1956.

Tem fantasias de onipotência e orgulho de se saber poeta. Em posição contrária à de Baudelaire em "Bénédiction". Jean le Maigre tece sonhos de boa aceitação por parte dos pais, no início de sua autobiografia: "Dès ma naissance, j'ai eu le front couronné de poux! Un poète s'écria mon père, dans un élan de joie. Grand Mère, um poète! Ils s'approchèrent de mon berceau et me contemplèrent en silence. Mon regard brillait déjà d'un feu sombre et tourmenté. Mes yeux jetaient partout dans la chambre de sflammes de génie. Qu'il est beau, dit ma mère, qu'il est gras, et qu'il sent bon! Quelle Jolie bouche. Quel beau front! Je baillais de vanité comme j'en avais le droit" (p. 65).

Ironiza sua sorte de poeta tuberculoso e pobre, bem à maneira dos poetas medievais Rutebeuf e François Villon. "Tuberculos tuberculorum, quel destin misérable pour un garçon doué comme toi, oh! le maigre Jean" (p. 66).

Ao nível da escritura aparece o processo da composição em abismo. no interior da obra um personagem escreve também o seu livro.

Jean le Maigre morrerá, mas seus poemas destinados às latrinas pelo pai, serão no entanto cuidadosamente conservados pela avó, embora ela mal os compreenda e se escandalize com alguns deles. É como o destino dos escritores do Quebec, declara Michel Brûlé,¹⁰ cujos manuscritos são pendurados nas latrinas mas são lidos com amor e respeito. Mais estranho ainda é que lhes seja fácil escrever, mas impossível viver.

Em **Infância** Graciliano Ramos aproveita todos os episódios romancáveis perdidos no fundo da memória e se substitui aos personagens ficcionais até então trabalhados nos romances. Como se ao romper as amarras com a ficção só lhe sobrasse a autobiografia para formalizar sentimentos, idéias, revoltas, uma vez que a literatura é o seu protesto, sua maneira de escapar do mundo opressor que o esmagava.

O menino narrador é pressionado pelo pai a cultivar o desejo da leitura que um dia iria lhe conferir poderes especiais. Este é o modelo dos personagens de Balzac, Stendhal em **Le Rouge et le noir** (vontade manifesta pelo filho Julien Sorel contra os desígnios do pai), Flaubert e D. Quixote. O pequeno leitor identifica-se com os personagens românticos que lê, preenchendo as suas fantasias de fugir à existência comum. Mme Bovary em miniatura, projeta-se na força e onipotência dos heróis e a partir de então o seu mundo adquire novas conotações. Quando convive com os Naturalistas abandona a leitura de fuga e dialoga consigo mesmo. Aí encontra as noções de sexo, cuja força já sente no seu corpo de adolescente. Instala-se o desejo e o medo de ceder a ele. O instinto a sete-chaves e **Le Rêve** de Zola é interpretado a seu jeito.

10 Op. cit.

O contato com a leitura e seus exercícios de redação merecem do amigo Mario Venâncio o vaticínio — serás um romancista! “Mário Venâncio me pressagiava bom futuro, via em mim sinais de Coelho Neto, de Aluisio Azevedo — e isso me ensoberbecia e alarmava” (p. 240).

As profecias existem nas duas obras. Aquelas contidas em *Infância* prenunciam o escrito de força que marcou uma literatura séria e corajosa nos quadros na narrativa brasileira. Os de Jean le Maigre prenunciam uma cultura nova, uma poesia da sociedade franco-canadense modernizada e urbanizada que se substituirá à cultura tradicional que está morrendo.

“L’hiver a été dur, mais le printemps sera meilleur. Emmanuel sortait de la nuit” (p. 175).

“Une Saison” implica o futuro.

Emmanuel, nome bíblico, tem conotações de esperança. Segundo o evangelista S. Mateus significa — Deus Conosco.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — BLAIS, Marie-Claire. *Une Saison dans la vie d'Emmanuel*. Collection Québec 10/10. Montreal, Stanké, 1980.
- 2 — CÂNDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. Rio. José Olympio, 1956.
- 3 — FREUD, S. *Essais de psychanalyses appliquée*. Paris, Gallimard 1978.
- 4 — OLIVEIRA A, Vera Maria. *O Bezerro-Encourado ou as Terríveis Armas*. Tese apresentada ao Deptº de Letras da PUC/RJ, 1978.
- 5 — QUÉBEC Français — nº 43. Québec, 1981.
- 6 — RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio, Record, 1981.
- 7 — REVUE DES SCIENCE HUMAINES nº 173. Lille III — 1979.
- 8 — SOCIOLOGIE DE LA LITTÉRATURE. Extrait de la Revue de l'Institut de Sociologie 3-1969. Université Libre de Bruxelles. 1970.
- 9 — TEOGONIA-HESIÓDO. Tradução e comentários de Ana Lucia S. Cerqueira e de Maria Therezinha A. Lyra, Niterói. UFF, 1979.